

# humanitas



**Vol. XXV-XXVI**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HVMANITAS

VOLS. XXV E XXVI



COIMBRA  
MCMLXXIII-IV



O autor fala do Neoclassicismo e dos seus aspectos negativos e dedica especial atenção aos Humanistas, ao seu labor literário e editorial particularmente na Itália e em Espanha. E termina esta segunda parte com um capítulo dedicado à filologia pós-romântica principalmente francesa, holandesa e inglesa.

A terceira parte dedica-a o autor ao Neo-humanismo e à sua posição perante a ciência da Antiguidade; define as características deste movimento e evoca os seus principais representantes na Alemanha. Analisa o trabalho desenvolvido dentro da filologia clássica nos séculos XVIII e XIX e apresenta as tendências literárias dos principais filólogos classicistas destes séculos, em que floresceu a perspectiva historicista no domínio destas ciências, e termina com uma referência à tentativa de superação do Historicismo.

A quarta e última parte passa em revista os recentes progressos da filologia clássica, as novas tendências das ciências literárias em geral e os seus reflexos na cultura greco-latina; apresenta uma visão conjunta da elaboração da história da literatura grega no século XX em geral e de estudos parciais estilístico-literários dedicados a autores isolados: Homero, Hesíodo, Safo, Píndaro, Ésquilo, Sófocles, Eurípides e Aristófanes. Termina com algumas páginas dedicadas ao conteúdo político-social da tragédia e da comédia, à consideração sobre os vários géneros literários e sobre o recurso de determinados meios estilísticos, sobre a sociologia da literatura, sobre a literatura comparada, etc.

Este trabalho de Muñoz Valle, pelo seu carácter sintético, não podia tratar com profundidade nenhum dos temas nele abordados, mas fá-lo com particular clareza e sentido didáctico, apresentando uma visão panorâmica dos principais problemas ligados à cultura clássica, o que faz dele valioso contributo às obras de iniciação nesta matéria.

Possui um extenso e bem elaborado índice dos assuntos tratados que muito o valoriza, e só é pena não possuir um índice de nomes próprios, que é sempre útil mesmo em obras de pequeno vulto.

SEBASTIÃO TAVARES DE PINHO

MÁRIO BRANDÃO, *Estudos Vários*, vol. II. Acta Universitatis Conimbricensis. Coimbra, 1974, 320 p.

O Doutor Mário Brandão, que nos tem habituado à competência da sua investigação em variados domínios, particularmente no que respeita à vida da Universidade de Coimbra e à cultura portuguesa do séc. XVI, reuniu neste 2.º volume dos seus *Estudos Vários* (1) alguns trabalhos publicados desde 1938 e todos mais ou menos relacionados com a *Alma Mater*. «Prejuízos causados à Universidade

(1) O Volume I saiu a lume em 1972, também em Coimbra.

pela terceira invasão francesa» (2) é um artigo que vem acompanhado de preciosos documentos inéditos alguns extraídos da Biblioteca outros do Arquivo da Universidade e relativos à passagem por Coimbra das tropas francesas comandadas por Masséna. Aí historia o A. o comportamento do exército invasor para com a população e particularmente para com os bens da Universidade; «O epistolário de Nicolau Clenardo» é uma longa recensão publicada em *Biblos*, vol. XVI, t. II, pp. 700-705, sobre a publicação da correspondência de Clenardo por Alphonse Roersch (3), em que o Doutor Mário Brandão evoca outros investigadores que se dedicaram ao mesmo tema; «Die Universität Coimbra», um trabalho já impresso em 1942 (4), resume a história da Universidade de Coimbra desde a sua fundação até à actualidade e põe em relevo o seu papel dentro da cultura portuguesa; «Uma carta do P.º Inácio Tolosa» (5) revela um documento relativo ao Brasil, encontrado pelo autor no Arquivo da Universidade de Coimbra, que consta de uma carta autógrafa do jesuíta espanhol Inácio Tolosa, escrita do Brasil quando este lá exercia as funções de Provincial da Companhia por nomeação de S. Francisco de Borja. O Doutor Mário Brandão aproveita a publicação deste documento para elaborar um precioso itinerário biográfico do seu autor. O trabalho seguinte, com o título «Marcial de Gouveia und seine Beziehungen zu Erasmus und Melanchthon» (6), analisa as relações do humanista Marcial de Gouveia com Erasmo quando da sua passagem por Basileia, de quem recebera elogios, e com Melanchton em Friburgo. O artigo «Doutor António de Vasconcelos» é um panegírico àquele que foi um dos maiores mestres da *Alma Mater*, pronunciado na Academia Portuguesa da História, em 16 de Dezembro de 1942, ano imediato à morte do homenageado. «Antero de Quental estudante da Universidade de Coimbra» é um trabalho de 123 páginas constituído pelas notas com que o A. fez acompanhar há anos a publicação de alguns documentos (7) relativos à vida académica do poeta açoreano. Nele analisa o autor muitos dos acontecimentos em que esteve envolvido o poeta, como a fundação da «Sociedade do Raio», a visita a Coimbra do príncipe Humberto, herdeiro da coroa de Itália, a revolta dos estudantes contra o reitor Sousa Pinto, a «Rolinada» e o êxodo da Academia para o Porto, e outros. É um valioso estudo sobretudo pela correcção feita a alguns dados tradicionais sobre a matéria. «A Escola Pública de Alcobaça, um embuste da historiografia alcobacense» foi uma comunicação apresentada pelo Doutor Mário Brandão no Congresso Histórico de Portugal Medieval em Braga em Novembro de 1959 e que veio a ser publicado no *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, Ano V, n.ºs 19-20. Trata esta «nótula» de demonstrar que o autor da *Alcobaça Ilustrada*, Fr. Manuel dos Santos, na intenção de reivindicar para

(2) Publicado em Dezembro de 1938.

(3) *Correspondence de Nicolas Clénard*, t. I (texto), t. II (notas), t. III (tradução), Bruxelas, 1940-1941.

(4) Vd. *Europäischer Wissenschafts-Dienst* 15, Berlin, 1942.

(5) Artigo publicado na revista *Brasília*, vol. II, Coimbra, 1943, pp. 577-585.

(6) Publicado na *Revista do Instituto de Cultura Alemã*, Vol. I, Lisboa, 1944, pp. 29-49.

(7) Vd. *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, vol. XXIII, Coimbra, 1957.

o mosteiro de Alcobaça a gloria de ter sido a primeira escola pública lusitana e, como tal, a antecessora da Universidade Portuguesa, viciou — com a alteração de um pormenor do texto latino — um documento que testemunha apenas a existência naquele mosteiro de uma escola particular como outras que são igualmente anteriores à fundação dos Estudos Gerais dionisianos em Lisboa.

Finalmente, em *addenda*, Mário Brandão apresenta duas notas, uma feita ao seu estudo «A livraria do P.<sup>e</sup> Francisco Suárez» publicado no vol. I desta colecção (8), em que acrescenta aos elementos aí publicados alguns documentos encontrados no Arquivo da Universidade respeitantes a livros adquiridos pelo *Doctor Eximius* graças aos subsídios concedidos pela Universidade. A outra nota refere-se ao trabalho «Prejuízos causados à Universidade pela terceira invasão francesa» acima referido.

É inestimável o valor de qualquer um destes estudos, que agora aparecem reunidos num único volume para maior acessibilidade aos estudiosos de hoje. Continuam a ser eles fonte segura de informação histórica pela fundamentação documental em que se apoiam.

Foi pena que tivessem escapado às malhas da revisão do texto um número considerável de «gralhas» e de erros ortográficos que o desfeiam, no domínio da acentuação (verdadeiramente caótica), da pontuação (com um uso das vírgulas muito estranho), da sintaxe e — o que faz mais pena — da morfologia (9).

SEBASTIÃO TAVARES DE PINHO

(8) *Estudos Vários*, vol. I. Acta Universitatis Conimbrigensis. Coimbra, 1972, pp. 45 sqq.

(9) Como exemplos do primeiro caso aparecem palavras com falta de acento: *atribuam* pp. 185, 276, *atribuía* 182, *contribuía* 177, *atribuímos* 214, *atribuíram* 152, 159, *influiram* 152, *influíra* 279, *contribuíram* 283 bis, *diminuíra* 311, *ruido* 182, *historia* 142, *poderíamos* 155, *procurávamos* 178, *colera* 192, *dessemos* 210, *necessarias* 237; *bachareis* 159, *Saboia* 195, *bedeis* 218, 242; *atrabilis* 314, *acórdão* 157, 160, 163, 169, 173, 200, *por* (verbo pôr) 187, 219, 220, 261, 265. Casos de acento indevido: *cumpri-la* 174, *resumi-los* 170, *pedi-la* 222, *consegui-la* 231, *seguí-lo-ia* 281; *concluiu* 21, *influiu* 221, 236, *excluiu* 226, *saiu* 236, *atribuiu* 281; *ináto* 126, *continuáram* 233, *écos* 255, *assinála-se* 281; *unicamente* 157, *perpétuamente* 164, *públicamente* 166, *espontâneamente* 282; e casos de acento trocado: *cairiamos* 210, *éxito* 296. No campo da sintaxe: *os franceses... tinha saqueado* 19; *voltaram a serem publicadas* 72; *propósitos bem mais audaciosos dos que estavam* 276; *visto pretendia* 257, *visto... se levantaram dívidas* 293, *visto... fora pilhada* 314. Quanto à morfologia, alguns exemplos: *cumputa* 17, *encorrera* 75, *com* (por *como*) 132, 189, *por ventura* 132, 296, *ilucidativo* 159, *magestosas* 164, *estripar* (por *extirpar*) 166, *visinhos* 166, *redicularizar* 173, *inqueridor* 183, *inquerição* 185, 243, *Devindade* 204, *deligência* 272, *dispótico/a* 220, 226, *exonoração* 235, *quanto muito* 276, *propunhasse* 298, *diminuitíssima* 198; e as formas dos verbos *repor* e *poder* com *o* no radical do pretérito: *reposeira* 295, *poderam* 7, 11, *podesse/m* 140, 237, 249, 284; 167, 257, 296, *podêmos* 149, *poude* 167.

TERTULIANO, *A Moda Feminina. Os Espectáculos*. Tradução, introdução e notas de FERNANDO MELRO e JOÃO MAIA. Col. «Origens do Cristianismo». Editorial Verbo, Lisboa — S. Paulo, 1974, 122 pp.

Depois de Santo Agostinho, Tertuliano é, porventura, o autor mais lido e apreciado da latinidade cristã; hoje, talvez não tanto pelo conteúdo doutrinário da sua obra, como pelo impacto de uma personalidade inesgotavelmente rica que, a séculos de distância, tem o condão de reflectir ainda os problemas e as contradições do nosso tempo. Isso mesmo poderá constatar-se numa leitura atenta de dois discursos de Tertuliano, que a Editorial Verbo há pouco lançou: o *De Cultu Feminarum* e o *De Spectaculis*, traduzidos respectivamente por Fernando Melro e João Maia.

O volume integra-se na colecção «Origens do Cristianismo», inspirada na sua homónima francesa «Sources Chrétiennes» e dirigida por António Montes Moreira, da Universidade Católica Portuguesa. Da oportunidade da colecção, que conta já, além do presente volume, com mais dois — um de Santo Agostinho, outro de S. João Crisóstomo — não valerá a pena falar; a quase total ausência dos grandes textos e autores cristãos (cujo interesse, naturalmente, não se restringe ao campo religioso) é, por si, eloquente. Nesta medida, parece-nos de realçar a escolha de ambos os discursos insertos; quer pela extensão equilibrada, quer pela sua temática (ainda não ausente da ordem do dia...), quer pela diversificação de interesses, de recursos e argumentos utilizados — predominantemente bíblicos no primeiro e histórico-culturais no segundo — os textos publicados prestam-se a uma excelente introdução ao pensamento e à obra de Tertuliano que, esperemos, venha a ter continuidade em traduções de obras de maior fôlego, como o *Apologeticum* ou o *De Anima*.

Apraz-nos registar, no volume vindo a público, a preocupação de referir, pelo menos no primeiro caso, a edição que serve de base aos tradutores; assinale-se, na mesma linha de seriedade e rigor científico, a cuidadosa anotação dos capítulos e dos parágrafos, bem como as constantes remissões para os passos bíblicos originais, que permitem a utilização do texto como instrumento de trabalho. No que respeita à apresentação, cremos que teria havido vantagem em estabelecer um critério uniforme para os dois discursos; as duas introduções contrastam bastante entre si (note-se que a segunda nem sequer é feita pelo tradutor, João Maia, mas sim pelo director da colecção, António Montes Moreira), e do mesmo modo, o aspecto exterior dos discursos: enquanto o primeiro inclui em rodapé o sumário dos assuntos tratados nos capítulos e parágrafos correspondentes, no segundo preferiu-se o sistema da divisão por títulos. Aliás, o pormenor é secundário.

Há também numerosas gralhas, que convirá corrigir. Alguns exemplos: p. 54 'sejo' em vez de 'seja'; p. 89 'aquela' em vez de 'aquele'; p. 98 'banco' em vez de 'branco'; p. 110 provável falta de 'se' (todavia *se* o que não tem culpas...); p. 113 'essência' por 'essência'.

Ambas as versões têm, à partida, o mérito de não ser cópia de «outras cópias», como tem sido uso e abuso entre nós; a forma como muitas das dificuldades foram